

PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A RESPECTIVA RELAÇÃO DE GÊNERO NA PRÁTICA DE FUTSAL

PARTICIPATION IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION CLASSES AND THE RESPECTIVE GENDER RELATIONSHIP IN FUTSAL PRACTICE

Alessandro de Freitas¹
Rui Anderson Costa Monteiro²

Universidade Nove de Julho
Universidade Nove de Julho

Resumo: A discussão sobre gênero das aulas de educação física tem se mostrado não somente um item mais progressista dos conteúdos aplicados a sociedade, mas também exigência presente nas novas diretrizes curriculares, cujo competência descreve a compreensão das identidades, dos conflitos, das práticas sociais, do respeito à diversidade e pluralidade de ideias e opiniões, sobretudo o combate ao preconceito de qualquer natureza. No intuito de explorar estas conjecturas, o presente trabalho tem como objetivo verificar a participação de alunos do gênero feminino junto aos de gênero masculino no futsal em aulas de Educação Física escolar. A coleta dos dados foi realizada por meio de uma pesquisa de campo, descritiva e de análise qualitativa por meio da aplicação de questionário verbal através da forma de checklist (observação) após uma proposta de intervenção de 8 aulas/sessões tematizadas pelo futsal. O trabalho se deu junto aos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I em uma escola municipal da Zona Leste do município de São Paulo. Os pressupostos de intervenção se pautam na perspectiva cultural de Neira (2011) e da abordagem metodológica fundada em Severino (2007). Constatou-se que ainda a cultura da separação por gênero nas aulas de Educação Física na escola e, principalmente, na prática do futsal é bastante recorrente o que exige incisivo trabalho pedagógico na mudança deste cenário.

Palavras-Chave: Educação Física Escolar. Futsal. Relação de Gênero.

Abstract: The discussion on gender in physical education classes has shown not only to be a more progressive item of content applied to society, but also a requirement present in the new curriculum guidelines, whose competence describes the understanding of identities, conflicts, social practices, respect the diversity and plurality of ideas and opinions, especially the fight against prejudice of any kind. In order to explore these conjectures, this work aims to verify the

¹ Mestre em Educação Física. Docente da Universidade Nove de Julho/SP.

² Doutor em Educação. Docente da Universidade Nove de Julho/SP. Professor da Rede Municipal de São Paulo.



participation of female students with male students in futsal in School Physical Education. Data collection was carried out through a field research, descriptive and qualitative analysis through the application of a verbal questionnaire through the form of checklist (observation) after an intervention proposal of 8 classes/sessions themed by futsal. The work was carried out with students in the 4th year of Elementary School I in a municipal school in the East Zone of the city of São Paulo. The intervention assumptions are based on the cultural perspective of Neira (2011) and the methodological approach founded by Severino (2007). It was found that even the culture of separation by gender in Physical Education classes at school and, especially, in futsal practice is quite recurrent, which requires incisive pedagogical work to change this scenario.

KEYWORDS: School Physical Education. Futsal. Gender Relation.

1 INTRODUÇÃO

Embora o futsal seja considerado uma “paixão nacional”, este fenômeno não está desacompanhado de certo preconceito no tocante à prática pelas mulheres, inclusive durante as aulas de Educação Física. Tal fato parece influenciar no estado motivacional e conseqüentemente no nível de participação das alunas, o que destaca considerável diferenciação em relação aos praticantes do gênero masculino. A motivação é importante para o processo educativo, já que a aprendizagem perpassa o interesse pelas atividades propostas (CAMPOS, 1995; FOLLE; TEIXEIRA, 2012). Assim, com foco na prática do futsal feminino, este estudo procurou entender o contexto de participação das alunas no espaço esportivo, e a partir disso, estabelecer a discussão de gênero no âmbito da Educação Física escolar.

Este tema situa-se no fato de que é observado um quadro de desmotivação entre as meninas que praticam futsal nas aulas de Educação Física escolar, aparentemente, provocado pelo preconceito evidenciado nos comentários realizados pelos meninos, salientando a falta de habilidades dessas para tal prática. Essa situação parece afetar o estado motivacional das meninas, por conseguinte têm o interesse e a inserção prejudicados, bem como a aptidão esportiva comprometida, quando comparado aos meninos. Importa dizer que esses comentários normalmente provêm de antigas ideias baseadas nas diferenças biológicas



entre meninos e meninas que de acordo com Tenrroler (2009, p. 43 apud JORAS, 2013, p. 1), “[...] é aceito como natural por ambos os gêneros, o entendimento de que as meninas são mais fracas e frágeis”.

No tocante ao futsal, a diferença entre meninos e meninas, fundada nesses fatores (a mulher é fraca e não consegue) está vinculada aos altos níveis exigidos dos metabolismos, aeróbico e anaeróbico, aliados a uma necessidade de coordenação e controle motor muito fina, que parecem estar mais presentes em determinados estágios de desenvolvimento nos meninos. Não é afirmativa infundada, pois para Kohrt (2004) o potencial da capacidade aeróbica e anaeróbica em mulheres é menor do que nos homens. Somado a isso, no que diz respeito aos aspectos anatômicos e fisiológicos, Teixeira Junior (2006, p. 24), ressalta: “[...] as mulheres possuem 11% a mais de gordura corporal e 8% de massa muscular a menos em relação aos homens”. Observando estes dados iniciais, a interpretação é que considerando as habilidades motoras fundamentais e seus estágios, as meninas estariam em estágios diferentes dos meninos, ou seja, com menor potencial em relação às suas habilidades ao praticarem uma modalidade esportiva, principalmente o futsal.

Mas nada disso é fator preponderante para tal distinção no ambiente escolar, pois as diferenças metabólicas na infância são pequenas e a separação entre meninos e meninas na escola é cultural e não biológica. Conforme Joras (2013, p. 2) a prática do futebol “é visto como um campo hegemonicamente masculino, tendo em vista ser essa uma modalidade esportiva criada, pensada e praticada majoritariamente por homens”.

Portanto, o objetivo deste trabalho foi o de analisar as relações de gênero percebidas na prática do futsal durante as aulas de Educação Física escolar e identificar se essas relações podem causar desmotivação nas meninas no tocante a essa prática esportiva, e conseqüentemente, nas aulas de Educação Física.

No desenvolvimento metodológico, essa pesquisa, foi caracterizada como descritiva, pois buscou-se realizar o estudo, a análise, o registro e a interpre-



tação dos fatos ora pesquisado sem a interferência do pesquisador (BARROS; LEHFELD, 2007). Para a coleta dos dados foi realizada uma pesquisa de campo, utilizando como instrumento o questionário verbal, através de forma de *checklist* (observação) preenchido pelos alunos de 4º ano do Ensino Fundamental I de uma escola municipal de São Paulo.

No total participaram deste projeto 28 alunos (18 meninos e 10 meninas) que responderam ao questionário após 8 sessões de futsal, tudo sob o acompanhamento do professor titular da turma, autorizado pela direção e com o sigilo garantido, sem comprometer o processo didático pedagógico, pois o conteúdo está relacionado ao referencial de currículo da respectiva rede de ensino.

Os alunos foram submetidos a um período de aula de Educação Física com a temática de futsal e depois convidados a responder o questionário individual sem influência de terceiros. Posteriormente fizemos a comparação com dados secundários, ou seja, dados oriundos de outras pesquisas já concluídas onde mostravam a utilização da participação das meninas dentro do futsal escolar. Essa dinâmica atendeu ao proposto por Andrade (2005) quando afirma que o formulário pode ser aplicado para qualquer tipo de informante, seja ou não alfabetizado, desde que adaptando para cada situação, tornando a linguagem mais clara.

Vale destacar que a pesquisa de campo é realizada nos locais onde os fenômenos ocorrem, diretamente onde são observados, e normalmente tem suas informações coletadas por meio da aplicação de questionários estruturados em uma amostra específica (SEVERINO, 2007). Ainda, com base no mesmo autor, tratou-se de uma abordagem qualitativa, já que vislumbramos a discussão sobre as perspectivas subjetivas dos alunos e alunas estudados.

Pautado na concepção de currículo cultural (quadro 1) conforme Neira (2011) com mapeamento, resignificação, ampliação, registro e avaliação, estruturamos o trabalho em 8 (oito) aulas/sessões da seguinte maneira:

**Quadro 1:** Cronograma de conteúdos

SESSÕES	PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS	CONTEÚDOS	ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS
1 2	Mapeamento	Pega-pega, ajuda-ajuda Futsal misto livre	Questionário Brincadeiras Jogos pré-desportivos
3 4	Ampliação	Nunca três Queimada	Debate Ilustração Brincadeira
5 6	Aprofundamento	Gol móvel Passe dez Recepção Drible Reflexão	Pesquisa Jogos reduzidos Jogos Adaptados Vídeo de conscientização social entre gênero
7 8	Ressignificação	Jogo misto	Jogo pré-desportivo Questionário (<i>feedback</i>)

É importante salientar que a metodologia empregada nas aulas de Educação Física, na introdução de alguns esportes coletivos, inclusive no futsal, com vistas a adaptá-los à prática feminina, tem impulsionado o crescimento da participação das meninas na modalidade esportiva, reforçando as afirmações de Garganta (1992) quando diz que no jogo de handebol e futsal a participação das meninas é mais ativa com metodologia adequada.

Segundo o Quadro 1, com as aulas divididas em sessões, foram desenvolvidos conceitos/técnicas de futsal, contudo sem nomeá-los como tal. Esta proposição seguiu os fundamentos defendidos por Neira e Blucher (2011, p. 03), pois este tipo de apresentação de conceitos/técnicas esportivas visa “ampliar a possibilidade de compreensão e posicionamento crítico dos alunos com relação ao contexto social, histórico de produção e reprodução nas práticas”.

2 O CONTEXTO DO FUTSAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Enquanto componente curricular e de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a educação física deve ser interpretada no ambiente educacional a partir de suas práticas corporais, na manifestação de seus códigos



e significados que possam se revelar nos diferentes ambientes sociais por meio da cultura do movimento humano (BRASIL, 2017).

Atualmente, as práticas corporais estão divididas em unidades temáticas, sendo elas as brincadeiras e os jogos, os esportes, as ginásticas, as danças, as lutas e as práticas corporais de aventura.

Para contextualizar o futsal em consonância com as diretrizes supracitadas, o mesmo se encontra dentro da unidade temática de esportes, que por sua vez apresenta como pressuposto de organização um modelo que leva em consideração a forma dessa prática ser realizada e suas demandas sobre cooperação, interação com o adversário ou praticante de equipe, demanda motora (aspectos de complexidade) e os objetivos específicos de sua prática (aspectos técnicos e táticos). Essa estruturação resulta na classificação dos esportes em: Esportes de marca, precisão, técnico combinatório, rede/quadra dividida ou parede de rebote, campo e taco, combate e invasão ou territorial, ao qual faz parte o futsal, de acordo com a BNCC:

Invasão ou territorial: conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar a capacidade de uma equipe introduzir ou levar uma bola (ou outro objeto) a uma meta ou setor da quadra/campo defendida pelos adversários (gol, cesta, touchdown etc.), protegendo, simultaneamente, o próprio alvo, meta ou setor do campo (basquetebol, frisbee, futebol, futsal, futebol americano, handebol, hóquei sobre grama, polo aquático, rúgbi etc.). (BRASIL, 2017, p. 216).

Para os alunos do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental, o documento sugere que os esportes de invasão explorem além da diversidade de modalidades esportivas, as habilidades que possam levar em conta o protagonismo das estratégias individuais de cada aluno e a mobilização das ações coletivas, bem como o entendimento do próprio conceito da modalidade e da unidade praticada, para os alunos poderem, além de diferenciar as características da própria prática, diferenciá-lo em relação aos jogos que compõe parte pedagógica dessa unidade curricular, mas que também possui inserção em outras unidades.



Em decorrência deste contexto, a primeira pergunta da pesquisa foi importante ao alinhamento da diretriz curricular às demandas de conhecimento apresentadas culturalmente e socialmente pelos alunos.

O que você acha do futsal? Nesta primeira pergunta da pesquisa que investigou a opinião dos alunos sobre o futsal, foi possível observar que a maioria dos alunos, tanto meninos quanto meninas, consideram o futsal um conteúdo relevante, divertido e prazeroso.

Apesar da aparente obviedade, gostar da prática corporal é o primeiro passo para a permanência em atividade por mais tempo, conseqüentemente ressignificando cada vez mais essa experiência nos contextos onde é praticado. Em estudo similar, Flores e Silva (2013) investigando a participação de meninas em práticas esportivas de futsal na escola encontraram boa participação nas aulas de educação física, de forma significativa e não discriminatória.

O mesmo ocorreu em estudo realizado por Oliveira e Medeiros (2017), que buscaram identificar a percepção dos alunos relacionada às aulas de educação física e em específico quando o conteúdo é o futsal. Os autores identificaram junto aos alunos que quando a aula é de futsal, 74% deles quase sempre colaboram com o desenvolvimento da aula, sendo que deste percentil, 51% afirmam que sempre a aula de futsal acontece de maneira participativa.

Outro ponto importante levantado pelos mesmos autores diz respeito à maneira com que a aula ocorre na perspectiva dos relacionamentos (interações) durante a prática. Na soma, 90% dos alunos atribuíram respostas boa ou ótima na condução dos relacionamentos durante as aulas, e 10% discorrem sobre ruim ou péssima. Chama atenção o fato destes, 8% dos alunos se incomodarem com as discussões, eventuais conflitos ou possíveis agressões ocorridas durante a atividade.

Esse é um dado relevante para a pesquisa, pois a maneira como é conduzida a prática corporal, com objetivos bem definidos e metodologias mais inclusivas podem não somente diminuir esses percentuais, mas também auxiliar os



alunos a resolverem esses conflitos que por ventura possam ocorrer durante as práticas.

Em consonância a este pensamento Melo (2001, p.165) aponta que “[...] o futsal é um esporte de massa e desempenha um papel importante nos aspectos psicológico, físico e social, e Santana (1996, p. 30) acrescenta: [...] as aulas de futsal na escola devem formar cidadãos e não atletas, pois a escola tem como o objetivo inserir a Educação Física na vida dos alunos”.

Considerando essas afirmações e as respostas de nossa primeira pergunta, o método escolhido para o processo de ensino do futsal bem como o percurso didático utilizado favoreceu a prevalência das respostas dos alunos no que diz respeito ao gostar de futsal na escola e na aula de educação física (FREIRE; SCAGLIA, 1989).

3 GÊNERO E O FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Reconhecidamente as aulas de educação física e seus conteúdos relacionados à cultura corporal de movimento são desafiadores no que tange a discussão sobre gênero no desenvolvimento da criança, na formação crítica do cidadão e nas demandas sociais apresentadas por sua sociedade contemporânea.

Vale ressaltar que este desafio não é iniciado apenas na participação das reflexões sobre gênero nas aulas de educação física, mas sim dos atos de exclusão que ocorrem na sociedade de maneira generalizada e que é personalizada ou potencializada nas práticas corporais que possuem como temática central o esporte. Podemos citar vários exemplos neste contexto, a saber: a questão da competição exacerbada condutora do processo de seleção dos alunos mais habilidosos por conta da performance esportiva em detrimento dos menos habilidosos; têm-se os casos dos alunos considerados desajeitados (*clumsy*); a exclusão ou não participação por questões raciais ou relacionadas a composição cor-



poral (alunos sobrepeso e obesos) e a pouca participação efetiva das crianças com deficiência.

Entretanto, como foco da pesquisa é a superação do paradigma gerene-ficado, a igualdade desejada não pode ser limitada pelo fato comparativo das diferenças entre meninas e meninos. As diferenças devem ser consideradas e relevadas como ponto de partida para a mudança nas características da prática, na apropriação dos conhecimentos de ambas as partes e na discussão da superação dos atos excludentes a partir das potencialidades reveladas nas singularidades (FURLAN; LESSA, 2008).

Iniciando no reconhecimento da complexidade do contexto, faz-se necessário a compreensão da especificidade, e portanto, recorrer aos conceitos dos autores que apresentam esses desafios para a implementação de práticas corporais e ações agregadoras, como afirma Altmann (1998, p. 6):

[...] sendo gênero uma categoria relacional, há de se pensar sua articulação com outras categorias durante aulas de educação física, porque gênero, idade, força e habilidade formam um 'emaranhado de exclusões' vivido por meninas e meninos na escola". Dessa forma a aula de Educação física é um ótimo "meio" para se trabalhar a questão de gênero, pois as atividades realizadas nas aulas ressaltam as diferenças entre os sexos. Os educadores devem utilizar esse aspecto positivamente, propiciando atividades integradoras que motivem a participação de meninas e meninos, em que um dependa do outro para realizar a atividade com mais sucesso, e os façam perceber que as diferenças podem ser um fator agregador e não segregado.

Em consonância aos conceitos e proposição da autora para o potencial que a educação física tem para a vivência e as possíveis reflexões a respeito deste emaranhado de exclusões experienciadas por meninos e meninas no ambiente educacional, a segunda pergunta da pesquisa incita a opinião dos alunos sobre uma modalidade que em sua cultura ainda é predominantemente masculinizada e tem sido campo de conquistas das meninas/mulheres ao longo de suas experiências corporais.



O que você acha de jogar futsal juntos com meninos (as)? A principal justificativa para frequente busca da percepção dos alunos em relação ao próximo, bem como do papel do meu colega quando se encontra no mesmo contexto em que estou presente, é o fato de nos encontrarmos numa sociedade extremamente polarizada e permeada de preconceito, e tudo isso se apresentar potencializado na prática futsal. Destaquemos que este esporte nos permite a oportunidade de identificação e caracterização destes comportamentos e podemos então desenvolver trabalhos colaborativos no sentido da aceitação do amigo ou amiga em sua equipe, conscientizando-os sobre as questões de preconceito, sobretudo de raça e gênero.

É possível notar estes cenários em sub-representações das meninas durante as participações nas aulas de educação física e em práticas esportivas, além de relatos em que as manifestações da cultura corporal são rotuladas como femininas ou masculinas como é o caso da ginástica, da dança e do próprio futebol (NEIRA; NUNES, 2011; ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011; CORSINO; AUAD, 2012; ALTMANN, 2015).

Ao questionar os alunos sobre a prática de futsal com times mistos (meninos e meninas) podemos observar que tanto a maioria dos meninos, quanto das meninas, acreditam (na percepção primária) não ser tão natural ou agradável participar de um time misto na modalidade esportiva futsal, inclusive em muitos casos os alunos mencionaram que seria algo chato. Tal divisão por gênero refere-se a um comportamento cultural bastante forte na sociedade e ainda influencia essas gerações mais novas.

É importante destacar o número significativo (mas não a maioria) dos meninos que consideraram interessante este tipo de formação de equipe, também adjetivando como legal essa prática, quando comparado ao número de meninas com a mesma percepção, mas ainda destacando o grupo dos meninos mais incomodados com a presença feminina na equipe.



Percebemos certa dificuldade na participação da pesquisa com resposta em texto, por isso, foi utilizado outro recurso para colaborar na coleta de dados: a ilustração. Observou-se por meio dos desenhos que, embora a maioria das meninas tenha afirmado que é chato jogar futsal em times mistos, elas acreditam que todos (meninos e meninas) podem praticá-lo. No entanto, esclareceram que os meninos não dão oportunidades a elas, mas, se fosse diferente (elas pudessem jogar com eles), seria legal.

Outras brincadeiras foram desenhadas (figura 1), dentre elas a queimada. Isso realça a relevância do professor buscar o consenso e a aceitação entre os alunos com ampla flexibilidade no desenvolvimento do conteúdo (DOS SANTOS; LEITE, 2018). Mais uma vez enfatizamos a prática da divisão por gênero não ser algo reduzido ao futsal, transitando por inúmeros conteúdos da educação física e até mesmo em diversas atividades pedagógicas do ano letivo de outros componentes curriculares e projetos, por vezes passando despercebida pelos profissionais da educação.

Mesmo na diversificação do conteúdo, verificou-se que os meninos jogavam contra as meninas, demonstrando mais uma vez a forte cultura da separação por gênero durante as aulas. Podemos verificar este contexto analisando as figuras abaixo, desenhos produzidos pelos alunos envolvidos na pesquisa.



Figura 1 – Desenho da participação dos meninos e meninas na mesma brincadeira.



Figura 2 – Desenho da participação dos meninos e meninas jogando futsal.

Esses resultados corroboram com a pesquisa de Corsino (2011) que durante uma ampla investigação dentro do contexto escolar e com metodologias de análise deste cenário *in loco*, detectou diferenças nas condutas entre meninos e meninas de maneira que o autor cita de maneira hierarquizada, ou seja, sempre ocorrendo em maiores proporções numa relação menos amigável entre os meninos e dos meninos em relação às meninas, quando comparamos as relações entre as meninas e das meninas direcionadas aos meninos.

Em determinado momento da pesquisa o autor relata uma cena bem comum em algumas aulas de educação física onde havia um ato de exclusão dos meninos para com um menino (provavelmente por falta de habilidade). Nesta cena, notou-se a intervenção do professor de maneira mais enérgica sobre os alunos, “exigindo” que o aluno excluído participasse do jogo, e como consequência da não participação ele iria encerrar a atividade e ir para a sala de aula. Não cabe no texto a análise da participação do professor, mas o desfecho da narrativa. Em um segundo momento, já com o aluno em quadra, o mesmo



teve uma oportunidade de pegar a bola e chutar ao gol, entretanto ao tentar realizar a atividade, o mesmo não teve sucesso e/ou apresentou um erro grosseiro em relação à meta. A reação dos demais meninos foi exatamente a expressão: “Vai sua moça, parece uma biba esse moleque” (CORSINO, 2011, p. 127).

Em nossa investigação, em nenhum momento foi observado questões mais diretas dos alunos em relação a qualquer integrante da sala (de maneira preconceituosa), mas foi possível denotar a hierarquização dos meninos em relação às meninas no início da investigação.

Diante deste resultado, ressaltamos o argumento de Machado et al (2010, p. 6), que defendem: “[...] os educadores devem trabalhar a questão do gênero em suas aulas como práticas integradoras que levem os alunos a perceber que ambos ocupam o mesmo patamar na escola, e na sociedade como um todo, e tem direitos iguais independente do sexo ou habilidades que possuam”.

4 AMPLIAÇÃO, APROFUNDAMENTO E RESSIGNIFICAÇÃO

O trabalho foi organizado num período de oito sessões, e no terceiro e quarto encontros realizaram intervenções relacionadas à ampliação (família e bairro), onde o objetivo era conhecer melhor a manifestação corporal proposta, procurando desvelar aspectos pertencentes a eles, mas que não emergiram nas primeiras leituras, interpretações e ilustrações com os alunos. Também foram oportunizadas práticas corporais (de acordo com o quadro 1).

Já nas sessões cinco e seis, foram os momentos de aprofundamento (pesquisa), tratou-se de um momento importante para recorrer a outros discursos e fontes de informações, preferivelmente aquelas que trazem olhares diferentes e contraditórios aos apresentados pelos alunos. Foi proposto que o debate do tema fosse levado para casa, e compartilhado entre os familiares a partir de um vídeo de conscientização entre gêneros.



Nas duas últimas sessões denominadas de ressignificação (mudança), consistiu em atividades nas quais os alunos foram convidados a produzir novos significados às práticas corporais, aqui futsal, além de avaliar coletivamente a eficácia das próprias produções. Após este processo, foram refeitas as duas perguntas iniciais do estudo (i) O que você acha do futsal? (ii) O que você acha de jogar futsal juntos com meninos (as)?

Como já era de se esperar, as respostas em relação à opinião em relação ao futebol mantiveram-se a mesma, uma vez que no momento de mapeamento as respostas já haviam sido positivas. Outro ponto destacável foi em relação ao item jogar com as meninas ou jogar com os meninos. Após estas oito sessões destinadas à intervenção propositiva sobre gênero, nenhum aluno sentiu dúvidas em responder que foi interessante jogar com as meninas ou jogar com os meninos e que seria possível a prática conjunta de maneira agradável e divertida.

Este fato nos indica que a intervenção estruturada e propositiva possui efetividade à diminuição das barreiras enfrentadas pelos conflitos da educação física em suas práticas corporais ainda generalistas e hierarquizadas. Podemos citar o exemplo de Reis e Silva (2017), numa pesquisa desenvolvida por meio do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) relatam processos em direção à equidade, valorizando as diferenças quando as práticas pedagógicas do futsal e provocações pedagógicas de leituras e debates proporcionaram a valorização e melhora da qualidade do jogo entre meninos e meninas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que as aulas de Educação Física são importantes no processo educacional e exercem considerável influência no desenvolvimento infantil, favorecendo o enriquecimento das potencialidades do aluno. A prática do futsal colabora na aquisição de capacidades físicas, motoras e de socialização



entre as crianças. Aulas bem estruturadas levam em consideração as características e limitações dos alunos.

É evidente que a participação das mulheres ainda é significativamente menor quando comparada à dos homens no mundo. Cabe aos professores de Educação Física e à escola atuarem em colaboração à mudança nas formas de abordar determinados temas polêmicos e complexos para muitos profissionais. É preciso intervir de forma a minimizar as práticas excludentes, possibilitando a equidade desejada entre os gêneros. Nesse sentido, torna-se imperativa a mudança nas práticas educativas dentro das escolas.

O esporte muitas vezes se traduz como um importante elemento de visibilidade da mulher na sociedade e no espaço público. As políticas de incentivo ao esporte feminino ainda são menores em relação ao masculino, mais evidente ainda no caso do futebol. Em um país, como no Brasil, onde o futebol incorpora-se discursivamente à identidade nacional, faz-se urgente pensar neste espaço para as mulheres, é preciso ressignificar seus sentidos, impondo e afirmando seu referido senso de pertencimento, um espaço de liberdade e democrático.

Espera-se que pensemos sobre nossas atitudes como educadores, e que reflitamos, buscando ao longo da formação inicial e continuada, maneiras de conduzir o processo de ensino aprendizagem, incluindo nele discussões que possam reduzir o preconceito e melhorar a participação das meninas nas aulas de Educação Física escolar, e principalmente na prática do futsal.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Educação Física escolar: relações de gênero em jogo**. Coleção Educação e Saúde, São Paulo: Cortez, 2015.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar?". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, 2011.



ANDRADE, Maria. Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

BARROS; Adil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. 3ª versão, Brasília - DF: MEC, 2017.

CAMPOS, Roberto Wagner Scherr. **A prática técnico-pedagógica do professor de educação física em referência à análise da qualidade do ensino em escolas públicas de 2º grau**. 1995. 160f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) – Universidade Castelo Branco. Rio de Janeiro, 1995.

CORSINO, Luciano Nascimento. **Relações de gênero na Educação Física Escolar: uma análise das misturas e separações em busca da coeducação**. 154f. (Mestrado em Ciências: Educação e Saúde na Infância e na Adolescência) - UNIFESP, Guarulhos, 2011.

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. **O professor diante das relações de gênero na educação física escolar**. Coleção Educação e Saúde. Cortez, São Paulo, 2012.

DA SILVA FLORES, Daniel; DA SILVA, Mauro Amâncio. A participação do gênero feminino no futsal/futebol escolar da cidade de Caxias do Sul. **Do Corpo: ciências e artes**, v. 1, n. 2, 2013.

DARIDO, Suraya Cristina. A avaliação da educação física na escola. Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 16, 2012.

DOS SANTOS, Adriana Cavalcanti; LEITE, Carlinda. Políticas curriculares em Portugal: fronteiras e tensões entre prescrição, autonomia e flexibilidade. **Currículo sem Fronteiras**, v. 18, n. 3, 2018.

FLORES, D. S; SILVA, M. A; A participação do gênero feminino no futsal/futebol escolar da cidade de Caxias do Sul. **DO CORPO: ciências e artes**, v. 1, n. 2, 2013.

FOLLE, A.; POZZOBON, M. E.; BRUM, C. F. Modelos de ensino, nível de satisfação e fatores motivacionais presentes nas aulas de educação física. **Rev Educ Física/UEM**; 16 (2), 2005.



FOLLE, Alexandra; TEIXEIRA, Fabiano Augusto. Motivação de escolares das séries finais do ensino fundamental nas aulas de Educação Física. **Rev Educ Física/UEM**, v. 23, n. 1, 2012.

FREIRE, João Batista; SCAGLIA, Alcides José. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2009.

FURLAN, Cássia C.; LESSA, Patrícia. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Revista Motrivivência**, v. 30. Florianópolis, 2008.

JORAS, Pamela. Relações de gênero e futsal praticado por meninas na escola. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**. Florianópolis, 2013.

MACHADO, Edilaine Batista, et al. Gênero e Educação física: um estudo sobre as relações entre meninos e meninas na escola. **Revista Digital**, Buenos Aires, a. 15, n. 144, maio de 2010.

NEIRA, Marcos Garcia; LIMA, Maria Emilia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. Educação Física e culturas: Ensaio sobre a prática. **São Paulo: FEUSP**, v. 1, 2012.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 33, n. 3, 2011.

OLIVEIRA, Igor; MEDEIROS, Flávio Vidoni. **Percepção dos alunos mediante a prática do Futsal nas Aulas de Educação Física Escolar**. São Sebastião do Paraíso-MG. Monografia (Graduação em Educação Física). Faculdade Calafiori, 2017. 34 p.

REIS, Alison Ayrton Nascimento; SILVA, Francisco Fernandes Machado. **Gênero e Futsal nas aulas de Educação Física: um Relato de Experiência do Pibid de Educação Física do Unifacex**. Congresso Nacional de Educação: Maceió, 2017.

SEVERINO, Antônio. Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. Cortez, 2007.

SILVA, Mário Moreno Rabelo; SANTOS, Heliane Pereira. **Cruzando fronteiras: um olhar sobre gênero e o futsal na escola em Catalão**. Goiás: Catalão, 2010.



SOUZA, Carolina. Maciel. **Relações de gênero e educação física: “visão de jogo” e beleza.** Campinas-SP. Monografia (Graduação em Educação Física). Unicamp, 2009. 81 p.

SOUZA, Ediana Lacerda de. **O futsal no contexto escolar e os mecanismos necessários para sua a prática no ensino fundamental primeiro ciclo da escola a marechal Rondon.** Porto Velho. Monografia (Graduação em Educação Física). Universidade de Brasília, 2009. 47 p.

TEIXEIRA JUNIOR, Jober. **Mulheres no futebol, a inclusão do charme.** Porto Alegre: Editora Própria, 2006.

Sobre os autores

Alessandro de Freitas

Doutorando em Educação Física na área de Atividade Física Adaptada pela Universidade Estadual de Campinas (2018). Mestre em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (2007). Graduado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (2003). Atualmente é Coordenador Adjunto e professor do curso de Educação Física na UNINOVE - Universidade Nove de Julho -SP. Atua com disciplinas de Educação Física Adaptada, Atividade Física para Idosos e Grupos Especiais e Dança. Possui experiência na área de Educação Física, atuando nas temáticas: Educação Física Escolar, Educação Física Inclusiva, Avaliação e Intervenção Motora.

Rui Anderson Costa Monteiro

Doutor em Educação. Mestre em Políticas Sociais. Especialista em Direito Educacional e Educação Física Escolar. Graduado em Educação Física e Pedagogia. Docente da Universidade Nove de Julho (UNINOVE-SP). Atua com disciplinas na área de formação de professores (Políticas de Educação e Educação Física Escolar). No município de São Paulo é Professor de Educação Física para o Ensino Fundamental. Possui experiência na coordenação de subprojetos para a formação de professores (PIBID e RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA).